



O PAPEL DOS ACTORES EXTERNOS EM ANGOLA: INVESTIMENTO E AJUDA INTERNACIONAL

Agostinho Pereira de Miranda

A falta de organização das empresas portuguesas descrita pelo Mário Pizarro é apenas uma parte visível da sua actuação, quando comparada com a das grandes empresas internacionais e com as petrolíferas, num mercado extremamente difícil.

É evidente que as grandes empresas internacionais têm uma actuação eficaz e correta. Um bom exemplo é a BP, cujo sucesso resulta em muito da política de transparência que adoptou, do facto de contratar quadros locais especializados. E resulta também do apoio do *Foreign Office*, que a Galp também tem; duvido que uma pequena empresa de construção tenha, mas a Galp tem.

As empresas portuguesas não têm muitas vezes essa capacidade, mas muitas também não têm a ambição. E é por isso, como referiu o Mário Pizarro, que precisamos de mudar de paradigma. Talvez mesmo por efeito da nossa fragilidade, é necessário mudar de atitude e aprender com as empresas que têm criado uma nova metodologia (e julgo que a metodologia mais correcta é a da transparência e não tanto a da responsabilidade social).O sector petrolífero oferece lições difíceis de pôr em prática, mas não impossíveis, ao empresariado português e aos dirigentes portugueses, sobre como apoiar, no plano político e no plano da cooperação, os esforços das empresas portuguesas.

Peso que há, hoje em dia, um elemento perturbador desta lógica. Aquilo a que alguns chamam o “factor China”. Sabemos da importância que a China tem vindo a assumir em Angola e em toda a África. É uma realidade que surpreendeu e que obriga as empresas portuguesas a competir com empresas chinesas. Parece-me que o modelo de intervenção chinês vem baralhar as regras do jogo e pôr em crise a tese de que os pequenos podem aprender com os grandes.

A *Brenthurst Foundation* publicou recentemente um estudo que recomenda ao governo da África do Sul que considere a sua relação com a China como a peça fundamental da sua política externa comercial. O mesmo pensa Angola. E isso põe em crise pressupostos que tínhamos por adquiridos. Será necessário encontrar, com Angola, uma forma de multiplicar oportunidades com um novo parceiro.